

Algumas Considerações sobre o Tema da Retórica no *Górgias* de Platão

Luciana Maria Azevedo de Almeida
Imaalmeida@bol.com.br
Pós-Graduação em Filosofia, UFMG

1.1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nos diálogos *Fedro* e *Górgias* de Platão, encontramos uma ampla discussão relacionada ao problema da retórica. De maneira geral, os estudiosos da filosofia platônica atribuem a estes diálogos preocupações e objetivos distintos no tratamento da retórica. As leituras do *Górgias* normalmente destacam o empenho de Platão em atacar e refutar a retórica sofisticada. Já os estudos dedicados ao *Fedro* ressaltam uma mudança na perspectiva de investigação, uma vez que é neste diálogo que Platão nos apresenta o discurso-programa de uma retórica filosófica. À diferença do *Górgias*, no *Fedro*, a retórica seria finalmente merecedora de um tratamento positivo¹. Ora, no que diz respeito ao *Górgias*, o aspecto crítico não parece esgotar a abordagem da retórica. Nele também encontramos explicitados alguns parâmetros para definir uma retórica aceitável de acordo com a perspectiva platônica.

¹ O comentário de Auguste Diès nos parece um bom exemplo desta tendência: “En ce triumphe de l’*Éthique* et de la *Logique*, le Platonisme, avant de naître, faisait figure de vaincu. Nous savons quelle fut la défense de Platon. Ce fut une vigoureuse attaque. Le *Gorgias* est resté la plus éloquente protestation en faveur de la justice et de la vérité que une plume païenne ait pu écrire (...) Après ce long duel entre la philosophie et la rhétorique, on ne s’attend guère à trouver, sous la plume de Platon, un véritable traité de rhétorique. (...) C’est la transformation d’une rhétorique fondée sur la *Logique* en rhétorique fondée sur l’*Éthique*: c’est une transposition du rhétorisme en Platonisme et, quel que soit le nombre des motifs rhétoriques empruntés à Gorgias ou à d’autres, ils sont tous épuisés, transposés au ton majeur de la philosophie platonicienne. La philosophie a dû, pour conquérir sa place au soleil, livrer une guerre acharnée à toutes les rhétoriques: judiciaire, sophistique, éristique” (DIÈS, A. *Autour de Platon: essais de critique et d’histoire*. Paris: Gabriel Beauchesne, 1927, p. 405-8).

Neste trabalho pretendemos rever alguns traços principais da abordagem platônica do problema da retórica, desenvolvida tanto no *Górgias* quanto no *Fedro*. Assim, na primeira seção deste trabalho, faremos uma pequena exposição da interpretação que nos parece consensual do problema da retórica em Platão, cuja característica principal é separar a abordagem deste problema em dois momentos: refutativo e programático, situados respectivamente no *Górgias* e no *Fedro*. Pretendemos indicar que esta perspectiva tende a ser simplista, e neste caso merece ser revista, pois, no que se refere ao *Górgias*, ela acaba por mitigar ou mesmo desconsiderar o esforço de reabilitação da retórica, que se verifica já neste diálogo. Na segunda seção, faremos algumas considerações relativas à estrutura do *Górgias*, com o intuito de mostrar que a abordagem da retórica, neste diálogo, obedece, tanto quanto no *Fedro*, a uma dinâmica de crítica e reestruturação, sendo apropriado, portanto, destacar, juntamente com a crítica da retórica sofisticada, a iniciativa de delimitar uma autêntica retórica.

1.2. OS DOIS DIÁLOGOS SOBRE A RETÓRICA: O ‘GÓRGIAS’ E O ‘FEDRO’

O *Górgias* e o *Fedro* pertencem a períodos diferentes da obra platônica². O *Fedro* é normalmente situado no grupo dos diálogos da maturidade, sendo, assim, bem posterior ao *Górgias*, que é provavelmente o último diálogo composto por Platão em sua juventude. Portanto, os diálogos são separados por um período de tempo

² Os diálogos são homônimos a alguns de seus personagens. Com o intuito de distingui-los, mencionamos os títulos dos diálogos em itálico. Dentre as edições do *Górgias* que consultamos, a tradução que nos pareceu mais conveniente foi a de Croiset, e por isso preferimos utilizá-la como referência para nossas citações. Para o confronto com texto mestre, trazemos a versão francesa em rodapé, indicada por CR, seguida da numeração da página correspondente. Para o *Fedro* e outros diálogos de Platão que eventualmente possam ser mencionados, utilizaremos também a edição da Belles-Lettres.

considerável. Este fato é relevante, considerando-se que o *Fedro* é provavelmente posterior à elaboração e exposição da “Teoria das Idéias”, no *Fédon* e na *República*, principalmente³. Neste caso, a retórica filosófica pôde ser elaborada em conformidade com tal teoria. Ainda assim, nos parece discutível a iniciativa de postular uma nítida correspondência entre os momentos refutativo e programático na análise da retórica e os dois grandes diálogos nos quais este tema é abordado detalhadamente.

A intolerância platônica para com a retórica é freqüentemente ressaltada nos estudos dedicados ao *Górgias*, e mesmo naqueles que investigam o tema da retórica em geral⁴. De fato, no *Górgias*, a retórica é tratada com um furor e rigidez críticos indisfarçáveis. E, uma vez que a retórica é uma atividade estreitamente associada à sofística, afinidade que transparece no próprio personagem que dá título à obra, compreendem-se as razões desta intolerância⁵. No *Górgias*, o debate tem início com as tentativas de Górgias de argumentar em favor da sua definição da retórica como *tékhnē*. Górgias define a retórica como a arte de produzir a persuasão, uma persuasão que,

³A cronologia dos diálogos platônicos é sempre problemática. Grande parte dos comentadores localizam o *Górgias* no grupo dos diálogos da juventude. Todavia, algumas características do *Górgias* são anômalas em relação aos demais diálogos deste período, levando alguns intérpretes a conjecturar que se trata de um diálogo de ‘transição’, o último diálogo composto por Platão neste período: o objeto da pesquisa definicional é atípico em relação aos diálogos desta fase - no *Górgias*, interessa examinar a definição de uma atividade - a retórica, à diferença dos demais, que se preocupam em analisar definições de virtudes morais; o diálogo é mais extenso, e o teor das afirmativas de Sócrates é positivo - considerações sobre o método da refutação, bem como estabelecimento de doutrinas morais - dando ao *Górgias* uma feição ‘mais dogmática’ em relação aos outros diálogos do mesmo período. Cf. DODDS, E.R.. *Gorgias. A revised text with introduction and commentary by E. R. Dodds*. Oxford: Clarendon Press, 1959, p. 20. No caso do *Fedro*, há um consenso de que este diálogo pertence ao período da maturidade, Cf. ROSS, W. D. *Plato's theory of ideas*. Oxford: Clarendon Press, 1951, p. 28.

⁴Um bom exemplo é o comentário de PLEBE, A., EMANUELE, P. *Manual de Retórica*. Trad. E. Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1992., p. 17: “O *Górgias* de Platão sancionou, pela primeira vez na história do pensamento, o divórcio entre filosofia e retórica”.

⁵A esse respeito, veja-se o comentário de Vicaire: “La rhétorique est attaquée par Platon dans la mesure où elle peut être considérée comme une partie de la sophistique, une partie spécialement brillante et prestigieuse: les succès des oratoires des sophistes connus, les services que leurs cités demandent à ces virtuoses, les sommes considérables qu’il gagnent en donnant des leçons, tout cela montre assez dans quelle estime les Grecs tiennent l’art de la parole, et l’art d’enseigner à bien parler” (VICAIRE, Paul. *Platon critique littéraire*. Paris: Klincksieck, 1960, p. 276). Algumas passagens do *Górgias* ressaltam a

contudo, é fundada na crença e na opinião. Estabelecendo uma dupla analogia, cujos termos fixos são, de um lado, corpo/alma, que são os objetos, e de outro, saúde/beleza, que são os fins aos quais se destinam a preparação dos objetos (o corpo e a alma), Sócrates fornece dois quadros analógicos paralelos, um sendo o simulacro do outro, através dos quais se separam as autênticas técnicas e suas versões paródicas - as *empeiríai*. Medicina e ginástica, artes que visam o cuidado do corpo, se distinguem da culinária e da cosmética, práticas que procuram apenas aquilo que é apazível e agradável ao corpo. Justiça e legislação destacam-se de suas contrapartidas irracionais, retórica e sofística, no que se refere à alma. A retórica é, assim, excluída do rol das artes, e denunciada como uma rotina, uma prática irrefletida. Seu gênero, tanto quanto a culinária, a cosmética e a sofística, é o da adulação. O *Górgias* mostra, portanto, que a retórica sofística está longe de ser uma autêntica *tékhne*.

Este desenvolvimento argumentativo parece sugerir que o objetivo do *Górgias*, ao tematizar a retórica, limita-se a investigar sua versão sofística, com o intuito exclusivo de refutá-la. O tratamento da retórica no diálogo atenderia à preocupação em denunciar o aspecto aparente da competência discursiva sofística, evidenciando seu caráter irracionalista e imoralista⁶.

O período que separa o *Górgias* do *Fedro*, teria permitido a Platão fazer uma espécie de revisão de sua posição. A intransigência com relação à retórica que se observa no *Górgias* seria progressivamente atenuada, dando as condições para que a

intimidade entre retórica e sofística. Por exemplo, em 520b: “(...) *entre la sophistique et la rhétorique, tout é pareil, ou presque (...)*” (CR, p. 214).

⁶O subtítulo do *Górgias*, mantido na versão de Croiset, ‘sobre a retórica ou refutativo’, reitera ou mesmo sugere leituras estigmatizantes do diálogo. Todavia, os subtítulos dos diálogos raramente são fiéis à sua problemática de interesse; Cf. GOLDSCHMIDT, Victor. *Les dialogues de Platon; structure et methods dialectique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1970, p. 26. Este parece ser o caso do *Górgias*, cujo subtítulo limita a temática do diálogo que seria a relação entre retórica e *eudaimonia*, ao ataque à retórica sofística, como observou Dodds (*op. cit.*, p. 1).

retórica fosse submetida a uma reforma progressiva. As etapas deste processo seriam verificadas nos diálogos *Apologia de Sócrates*, *Mênon* e *Banquete*, nos quais é possível constatar a utilização de recursos e artifícios retóricos, que denunciariam uma maior receptividade do autor para com a retórica⁷.

Como resultado final desta assimilação progressiva da retórica encontraríamos o discurso programa do *Fedro*, apresentado no trecho compreendido entre os passos <259e> e <274a>. Nesta passagem, Platão nos oferece uma exposição detalhada do que seria a autêntica retórica. Em coerência com os padrões de racionalidade e moralidade, Platão define o objeto, os métodos e a finalidade desta autêntica *tékhnē*, digna do filósofo e a serviço da filosofia. De posse de tais resultados, a retórica é definida como *psykhagogía*, arte cuja tarefa é dar expressão persuasiva às verdades filosóficas. No *Fedro*, a retórica é recuperada de maneira a se tornar compatível com a atividade filosófica.

Procuramos fazer esse breve esboço do que seriam os dois pólos da investigação platônica sobre a retórica a fim de lançar algumas dúvidas quanto à sua propriedade. Ressaltar exclusivamente o caráter de denúncia do *Górgias*, limitando seu objetivo ao tematizar a retórica à refutação da retórica sofística, por um lado, e, por outro, localizar elementos positivos e de caráter construtivo no tratamento da retórica apenas no *Fedro*, nos parece ser o resultado de uma visão estigmatizada do *Górgias*. Ao que tudo indica, este tipo de polaridade limita a compreensão de ambos os diálogos. Acreditamos, ao contrário, que em ambos os diálogos verificam-se ataques à retórica sofística, como também elementos de um discurso-programa do que seria uma retórica

⁷Para DIÈS, A. *Autour de Platon: essais de critique et d'histoire*. Paris: Gabriel Beauchesne, 1927, p. 408-432, estes três diálogos são exemplos do que ele chama 'transposições parciais', isto é, a utilização de recursos retóricos ou imitação deliberada do estilo dos retores por Platão. Tais transposições seriam preliminares à 'transposição total' do *Fedro*, ou seja, a transformação da retórica sofística em epistêmica.

aceitável. Nos parece que a crítica e a refutação e a posterior reformulação e reestruturação fazem parte de uma mesma dinâmica, cujos pólos não devem ser considerados isoladamente, tampouco localizados num só diálogo. Desta forma, insistimos na possibilidade de identificar um traço comum na investigação da retórica nos dois casos. Este elemento comum estaria relacionado com a estratégia de investigação.

É claro que as diferenças entre o *Górgias* e o *Fedro* são consideráveis. O ponto de partida na abordagem da retórica não é o mesmo, o desenvolvimento da investigação remete a temas conexos distintos, até mesmo os recursos argumentativos utilizados em cada um deles são dependentes do contexto de cada diálogo. Além das mencionadas diferenças argumentativas, é importante atentar para o fato de que no *Fedro* o problema da retórica pode ser abordado à luz da “Teoria das Idéias”, permitindo soluções mais afirmativas na caracterização da autêntica retórica. Mesmo assim, nos parece que, tanto no *Górgias*, quanto no *Fedro*, a investigação é condicionada por duas preocupações básicas: num primeiro momento, trata-se de submeter a retórica corrente, tal como é praticada pela sofística, a uma crítica capaz de verificar se esta prática é condizente com os padrões racionais; feito isto, a investigação poderá se empenhar em fornecer os elementos necessários para reformar a retórica, adaptando-a aos parâmetros e exigências aos quais devem obedecer toda atividade racional.

Tendo em vista esta dinâmica, poderemos observar que no *Górgias* verifica-se a preocupação em rebaixar a retórica praticada pelos sofistas e denunciar sistematicamente a fraqueza intelectual e impostura moral de seus representantes, mas que, paralelamente à recusa e refutação da retórica representada por Górgias e seus pupilos, Sócrates reserva um lugar para uma retórica condizente com os padrões de

racionalidade e moralidade, delineando uma concepção positiva da retórica. No *Górgias*, Platão distingue duas classes de retórica: aquela praticada pelos sofistas, denunciada como prática demagógica e servilismo adulator; e aquela que se preocupa em produzir uma melhora na alma dos cidadãos, zela pela justiça e promove a sabedoria. A primeira refere-se à retórica gorgiana e é posteriormente definida por Sócrates como simulacro de uma parte da política, a saber, a justiça. A segunda seria um esboço da retórica filosófica, cuja tarefa, colocar a persuasão a serviço da justiça, é limitada à atividade política do filósofo. Desta forma, o *Górgias* irá recuperar o controle filosófico da retórica, se posicionando contra a usurpação sofística, reconduzindo a política e com ela a retórica ao controle do filósofo. Portanto, se é legítimo falar em uma ‘boa’ retórica, ela deve ser destacada também neste diálogo.

Da mesma maneira, o teor crítico do *Fedro* não deve ser atenuado em favor de seu caráter programático. Neste diálogo, a investigação se desenvolve a partir do discurso de Lísias, lido pelo próprio Fedro a Sócrates. A partir deste discurso, Platão irá promover uma desconstrução minuciosa da retórica sofística, estabelecendo em seu lugar a autêntica retórica - a filosófica. O objetivo é mostrar que uma retórica que pretende produzir a persuasão, dispensando para isto o conhecimento do assunto, limitando-se em reproduzir, com uma vestimenta incrementada, a opinião que agrada à maioria, não passa de uma *pseudo* técnica de ilusionismo, de mera adulação. Os dois discursos de Sócrates sobre o tema do amor, confeccionados a partir do discurso de Lísias, e o mito de Teute parecem especificar três pontos nos quais a crítica é focalizada: o primeiro discurso de Sócrates, uma paródia do discurso de Lísias, irá atacar a retórica sofística do ponto de vista metodológico, mostrando que, mesmo no que se refere à simples forma do discurso, os discursos produzidos são de baixa

qualidade⁸. O segundo discurso de Sócrates recua a perspectiva crítica: a questão não tange mais à forma, mas ao conteúdo do discurso de Lísias - o amor. Finalmente o terceiro ponto, abordado através da imagem mítica de Teute, irá denunciar o caráter acessório da escrita, sua ambigüidade como *phármakon*, fazendo dela o representante emblemático para um certo uso do *lógos*: aquele que visa somente o efeito e o espetáculo. Nada mais nada menos que o *lógos* sofisticado. Se a retórica é a arte de produzir bons discursos, o *Fedro* irá mostrar que a sofística não é versada nem mesmo nesta arte, porque a retórica, tal como é concebida e utilizada por ela, está longe de ser um saber organizado, metódico e coerente.

Se no *Fedro* parece claro que Platão se opõe a uma certa espécie de retórica, a praticada pelos sofistas, e não à retórica como um recurso de enunciação do qual o filósofo poderá lançar mão quando se fizer necessário, o mesmo deve ser dito com relação ao *Górgias*. Assim, julgamos pertinente afirmar que o *Górgias* já apresenta uma concepção positiva da retórica. A 'boa' retórica é uma das dimensões da política, sendo uma espécie de recurso acessório que o filósofo poderá utilizar quando julgar necessário⁹.

⁸O primeiro discurso de Sócrates é composto em claro paralelismo com o discurso de Lísias. Este paralelismo torna-se evidente se atentarmos para vários aspectos, nos quais o discurso de Lísias e o de Sócrates se assemelham, a saber: os dois discursos são do gênero epidítico, Sócrates reincide sobre o tema sofisticado do amor sem amor, a premissa assumida também é a mesma: Eros é associado ao apetite irracional, e, no que se refere ao desenvolvimento do discurso, o indivíduo apaixonado é caracterizado como escravo do desejo, estado este que, tanto quanto no discurso de Lísias, é apresentado como pernicioso, doentio e nocivo à razão. É ainda revelador o fato de que Sócrates omite a conclusão de seu discurso, por ser a mesma do discurso de Lísias, deixando sua fala inacabada. Embora Sócrates se aproprie abertamente do discurso de Lísias, o seu já revela uma superioridade em relação ao anterior: a escolha que ele irá sugerir é amparada no exame metódico da questão. Para aconselhar, Sócrates frisa a necessidade de se conhecer o assunto em questão. Se a questão é saber se o amor é preferível ou não, é preciso primeiro defini-lo, para depois, com base na definição estabelecida, saber se ele é prejudicial ou benéfico. Desta forma, Sócrates aceita os pressupostos assumidos por Lísias implicitamente em seu discurso, com a diferença de que ele os torna manifestos pela definição. Na medida em que faz isso, Sócrates marca a superioridade estilística de seu discurso em relação ao discurso de Lísias, exibindo um domínio muito maior na disposição dos argumentos e no encadeamento do discurso.

⁹É importante ressaltar, desde já, que a autêntica retórica do *Górgias* não possui a mesma extensão em sua aplicação que no *Fedro*, onde a tarefa da retórica é dar expressão persuasiva às verdades filosóficas,

Poderíamos sintetizar, distinguindo na reflexão platônica sobre a questão da retórica dois eixos principais, presentes nos dois diálogos mencionados: 1) a denúncia do caráter irracional da retórica sofística e sua rejeição como pseudo-técnica; 2) o estabelecimento de uma nova retórica, amparada nos parâmetros de racionalidade e discursividade, a retórica filosófica. A fim de concluir, remetemos novamente aos diálogos, insistindo que no *Górgias* a retórica é tratada com uma certa veemência crítica, o que não deve ofuscar o que seria o esboço de um discurso-programa posteriormente levado a cabo no *Fedro*; do mesmo modo, no *Fedro*, o discurso-programa não deve camuflar as passagens em que Platão promove a crítica da retórica sofística.

1.3. A DINÂMICA DO ‘GÓRGIAS’

A hipótese de que uma mesma dinâmica de crítica e reestruturação organiza ambos os diálogos relativos à retórica permite compatibilizar alguns aspectos formais do *Górgias*, tais como a unidade temática, o excessivo revezamento de interlocutores, a dramaticidade do diálogo, entre outros.

Como uma boa parte dos diálogos de Platão, o *Górgias* tem suscitado as mais variadas controvérsias. Divergências quanto ao tema, objetivo, e unidade do diálogo ocuparam muitos de seus intérpretes¹⁰. De fato, o *Górgias* é um diálogo especialmente

sendo a oratória política apenas uma de suas modalidades. E que nem mesmo o termo que define a retórica no *Fedro* aparece no *Górgias* - a *psykhagogia*: “a arte de conduzir as almas por meio das palavras” 261a.

¹⁰Para os problemas na interpretação do *Górgias* nos orientamos pelo artigo de BABUT, D. “Les procédés dialectiques dans le *Gorgias* et le dessein du dialogue”, em *Revue des Études Grecques*. Paris: Belles-lettres, tome CV, pp. 59-110, janeiro-março, 1992, p. 59-110, e também pelo comentário de Guthrie ao diálogo GUTHRIE, W.K.C., *History of greek philosophy*: Cambridge, Cambridge University Press, 1962, vol. IV, p. 298-299.

rico: ele aborda temas epistemológicos, éticos e políticos, discutidos, por sua vez, por três personagens que se revezam no papel de interlocutores de Sócrates, acrescido ainda de uma riqueza dramática que é constantemente observada. O exame de temas aparentemente diversos, tais como a definição da retórica enquanto *tékhne*, a distinção entre ciência e crença, a relação entre as artes, o prazer e o bem, o valor da justiça, as conseqüências da identificação entre o prazer e o bem, e, finalmente, qual gênero de vida deve ser preferido, parece deixar dúvidas quanto ao problema que realmente importa investigar. Qual é a questão de fundo que norteia a articulação de temas tão diversos? Por que a presença de três interlocutores e por que eles não participam da discussão na mesma proporção? Qual o sentido das freqüentes digressões de Sócrates, em desobediência às prescrições de concisão que ele próprio dirige aos seus interlocutores? Por que tanto rigor crítico e requinte dramático? Tais são algumas das questões que fazem a perplexidade de alguns intérpretes. Tudo indica que o *Górgias* não se abre facilmente à interpretação. Estas dificuldades são freqüentemente atribuídas às características formais e literárias do diálogo. Reclama-se dos excessos da composição literária, imputando à ‘afetação dramática’ do diálogo a responsabilidade de ocultar o desenvolvimento das idéias. Outros insistem no desequilíbrio da composição literária, julgando-o característico de uma obra composta por Platão em sua juventude. Certamente, o *Górgias* pertence ao período da juventude. Um consenso aponta nesta direção. De qualquer forma, não nos parece legítimo afirmar e ainda justificar a ‘inferioridade literária’ do *Górgias*, apelando para sua data de composição. Se o *Górgias* se apresenta como uma obra ‘mal equilibrada’ e ‘excessivamente dramática’, estes aspectos deverão ser esclarecidos em coerência com razões internas ao diálogo, as quais conferem uma ordem necessária ao seu desenvolvimento. Desprestigiar o diálogo

devido a um destes aspectos é postular o divórcio entre a apresentação e a sucessão das idéias, negligenciando o essencial: a autonomia, organicidade e unidade de cada um dos diálogos platônicos. Acreditamos que, ao contrário, todo o trabalho de interpretação deverá ser dirigido no sentido de apreender a temática filosófica que organiza a sucessão dos enunciados, esclarece a estrutura do diálogo e lhe confere unidade. Portanto, a unidade e autonomia do diálogo não devem ser colocadas em questão. É o que assumimos como pressuposto hermenêutico de nossa presente abordagem.

O dinamismo da estrutura do *Górgias* é freqüentemente ressaltado¹¹. Em todo o diálogo, dois temas predominam e a discussão alterna regularmente entre eles: os temas da retórica e da justiça. Diante desta dupla temática, observa-se uma tendência em ressaltar um dos temas em detrimento do outro. Ora, o objetivo do diálogo é expresso pela primeira vez em 487e: “(...) *o que deve ser um homem, a qual trabalho ele deve se entregar, e até que ponto, na sua juventude e na sua velhice*” e é reafirmado logo depois, em 500c: “*trata-se de saber qual o gênero de vida devemos adotar (...)*”¹². Portanto, o objetivo manifesto do *Górgias* é saber qual a melhor maneira de conduzir a vida. De fato, a literalidade do texto não deixa dúvidas quanto ao teor moral da investigação. O que não autoriza, entretanto, que o tema da retórica seja relegado ao segundo plano do diálogo, visto como um simples pretexto para a abordagem de um assunto mais sério: a questão de como conduzir a vida na busca da felicidade.

¹¹Sobre a peculiaridade da estrutura dinâmica do *Górgias*, Cf. DODDS, E.R.. *Gorgias. A revised text with introduction and commentary by E. R. Dodds*. Oxford: Clarendon Press, 1959, p. 3: “The movement is not that of a pendulum but that of an ascending spiral, where at each fresh turn of the road we can see farther than before.”

¹²A primeira passagem reproduzimos na íntegra: “*Tu m’as reproché, Calliclès, l’objet de mes recherches; mais quoi de plus beau que de rechercher ce que doit être un homme, à quel travail il doit se livrer, et jusqu’à quel point, dans sa jeunesse et dans sa vieillesse?*” (CR, p. 168). Quanto ao passo citado logo em seguida: “*Il s’agit de savoir quel genre de vie nous devons adopter (...)*” (CR, p. 187).

Se o título do diálogo ostenta o nome de um retor ilustre - Górgias, há boas razões para acreditar que, mesmo que a reflexão sobre a retórica não ocupe a íntegra do diálogo, ela tem um papel decisivo e não negligenciável na unidade do mesmo. Uma pequena resenha do desenvolvimento do diálogo poderá justificar essa pressuposição, e mesmo decidir sobre a questão.

No prólogo do diálogo 447a-449c, Sócrates explicita seu interesse por Górgias. À diferença dos demais, que se contentam em assistir a uma exibição (*epídeixis*) das habilidades retóricas de Górgias, Sócrates o convida a dialogar (*dialégesthai*). Ele manifesta sua intenção claramente: estabelecer um diálogo com Górgias a fim de saber “qual a potência (*he dýnamis*) de sua arte (*tes tékhnes*)” 447c. O prólogo fornece, portanto, o ponto de partida da investigação. Na frase em que enuncia seu objetivo, podemos antecipar duas questões que darão o tom a boa parte do diálogo: 1) verificar o que Górgias entende por ‘arte’ e em seguida 2) determinar se a retórica pode realmente reivindicar este estatuto. Paradoxalmente, Górgias, figura emblemática¹³ de uma retórica amplamente praticada e alardeada à época de Platão, fracassa em sua argumentação,

¹³Insistimos na função paradigmática de Górgias na investigação da retórica. Com isso, pretendemos evitar os dois riscos numa abordagem dos diálogos platônicos que nos parecem extremos: o da excessiva confiança na caracterização platônica de Górgias, fazendo coincidir o desempenho do personagem com seu correlato historicamente determinado, ou, ao contrário, dissociar o correspondente histórico do personagem do diálogo, pressupondo de antemão a inverosimilhança do mesmo, porque submetido ao diálogo platônico. Antes de se tratar de Górgias, tal como ele é historicamente conhecido, trata-se de Górgias, personagem de um diálogo de Platão, e que de acordo com as exigências internas deste diálogo assume determinada feição. Contudo, dissociá-lo de Górgias e de suas doutrinas seria subestimar o gênio de Platão, que, como tal, empenhou-se em dar formulação a uma problemática à qual ele era sensível e preocupado em superar. Ao assumirmos esse pressuposto de leitura, não pretendemos submeter Platão às exigências doxográficas que lhe são estranhas, privilegiando a questão da fidedignidade do *Górgias* como fonte doxográfica, tarefa ocasionalmente desempenhada pelos diálogos platônicos, mas que, entretanto, não constitui sua primeira preocupação. Embora não queiramos postular a coincidência entre o Górgias personagem desta primeira parte e o Górgias histórico, e aqui reincidimos sobre este ponto, o fato é que há uma notável afinidade entre a maneira como o Górgias platônico caracteriza aqui a retórica e as posições defendidas por Górgias em seu *Elogio de Helena*, como observou GUTHRIE, op. cit. p. 277): “Sólo tenemos que añadir aquí que las opiniones atribuidas a Gorgias se corresponden exactamente con las expresadas en su propia Helena”.

logo nas primeiras páginas do diálogo¹⁴. Sócrates aponta para uma contradição, deixando clara a inconsistência do pensamento de Górgias 461a.

Depois de Górgias, seguem-se Polo e Cálicles, que o substituem na função de interlocutores de Sócrates¹⁵. O diálogo ganha em tensão dramática e as críticas de Sócrates se tornam cada vez mais mordazes. Dialogar se torna cada vez mais difícil. As prescrições do método dialético se multiplicam no decorrer do texto. A docilidade de Górgias em responder a Sócrates contrasta com a impertinência de Polo ou a arrogância de Cálicles. Tais características nos parecem sintomas de uma verticalização crescente no tratamento do tema, que se deixa entrever na medida em que paralelamente cresce a inaptidão dialética e a debilidade moral dos sucessores de Górgias - Polo e Cálicles. Verifica-se, portanto, que concomitante à troca dos interlocutores estabelece-se um aprofundamento crítico, no qual as questões atingem maior radicalidade, ampliando o horizonte contemplado pela discussão. Assim, no andamento do diálogo verifica-se que o ponto de partida do debate - o exame de uma atividade: a retórica - não deve ser apenas considerado como uma atividade determinada, pois pretende possuir uma abrangência bem maior, envolvendo uma certa representação do saber e, o que é ainda mais sério, uma visão de mundo.

Ora, vê-se que a questão da retórica é bastante complexa. Não se trata simplesmente de uma técnica ensinada e praticada. Esta habilidade fundamenta-se em

¹⁴Górgias irá ressurgir na discussão posteriormente com uma função limitada do ponto de vista da exposição das idéias, mas fundamental do ponto de vista da dialética, pois ele irá interceder inúmeras vezes a favor do prosseguimento do debate, aplacando os ânimos de seus pupilos quando o debate é ameaçado pela animosidade. Desta forma, Górgias revela uma superioridade senão intelectual, ao menos moral, em relação a seus discípulos.

¹⁵Polo é uma figura de pouca repercussão no meio retórico. Platão faz uma rápida referência a Polo no *Fedro* 267c. Cálicles é, talvez, uma invenção de Platão. Cf. ROMILLY, J. *Les grands sophistes dans l' Athènes de Péricles*. Paris: Editions de Fallois, 1988, p. 212. Segundo esta autora, a hipótese é verossímil, pois seria pouco estratégico fazer um sofista conhecido defender o imoralismo tão explicitamente, como o faz Cálicles.

posições assumidas com relação não só à epistemologia, mas à ontologia, à ética, à política. Portanto, a crítica de Platão à retórica corrente, praticada pelos sofistas, evidencia não só uma divergência quanto à maneira de conceber uma técnica particular, uma divergência que seria de natureza exclusivamente epistemológica, mas é, antes de mais nada, a recusa em aceitar a retórica como sistema doutrinário alternativo e pretensamente superior ao epistêmico, tal como pretendiam os sofistas. Por isso, desarticular a retórica sofística é condição necessária para a possibilidade da filosofia.

À luz destas considerações, podemos apreender o sentido da ferocidade crítica do *Górgias*, tão freqüentemente alardeada e denunciada. Mais que um ataque dirigido a Górgias ou à retórica por ele representada, o *Górgias* é um diálogo cuja dimensão crítica ganha inteligibilidade quando se percebe o caráter, por assim dizer, “militante” do diálogo. A preocupação em promover a crítica da retórica difundida e praticada por seus contemporâneos, constante em todo o diálogo, não deve ser justificada apenas pelas supostas intenções polêmicas de Platão contra seus reconhecidos adversários. Deve-se investigar a natureza da retórica, submetendo-a um exame crítico que irá desarticulá-la ponto a ponto e, nesse sentido, a presença dos vários temas pode ser entendida como uma versatilidade de enfoques que garantem a amplitude da abordagem do objeto em questão. Por outro lado, se o trabalho de desmonte crítico é intercalado por sucessivas defesas da filosofia, percebe-se, então, que se trata sempre de ressaltar o valor e a importância da atividade filosófica. Nesse sentido, o *Górgias* é emblemático do confronto, decisivo na obra platônica, entre um ‘paradigma’ retórico, por assim dizer, e a afirmação da filosofia.

Pode-se, então, concluir que a estrutura dinâmica e a alternância de temas, que se verifica em todo o *Górgias*, de fato lhe conferem uma estrutura dicotômica. Todavia, tal

dicotomia se define em outros termos e não na oposição parcial, e mais facilmente perceptível, entre retórica e moral, mas na oposição entre retórica e filosofia. Esta oposição possui um alcance ético-antropológico, na medida em que seus termos representam gêneros de vida divergentes. O *Górgias* irá evidenciar a necessidade de se fazer uma escolha entre eles, como também examinar as conseqüências desta opção.

1.4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos que as considerações apresentadas justifiquem a importância atribuída ao tema da retórica no *Górgias*. Se considerarmos que a dicotomia fundamental que organiza o diálogo é a oposição entre filosofia e retórica, uma série de questões, relativas ao encadeamento do *Górgias*, à distribuição dos temas e à organização formal do diálogo, poderão ser resolvidas. À luz desta oposição, podemos reconhecer com certa facilidade a unidade e organicidade temática do diálogo, de uma maneira compatível com sua estrutura pendular¹⁶. Esta oposição nos permite, ainda,

¹⁶Cf. NARCY, 1984, p. 60: "Le *Gorgias*, dira-t-on, présente un découpage tout aussi net, puisque Socrate y affronte un par un trois interlocuteurs, Gorgias, Polos et Calliclès, chacun n'entrant en scène que lorsque son prédécesseur s'est tue. Mais dans le *Gorgias*, d'une part il n'y a qu'un seul protagoniste, Socrate; et d'autre part chaque nouvel interlocuteur reprend la thèse que le précédent n'a pas su défendre, en sorte que c'est la même discussion qui se poursuit: Calliclès, certes, est plus radical que Gorgias, mais c'est parce que pour mieux défendre l'opinion de ce dernier il lui faut aller plus au fond des choses et dévoiler dans toute son ampleur l'opposition entre les finalités de la rhétorique et l'idéal défendu par Socrate. Symétrique de la constance de Socrate, la thèse reste la même tandis que se relayent ses défenseurs: il n'est pas difficile de percevoir l'unité du dialogue."

apreender a razão das várias pausas que contêm explicações metodológicas e que ressaltam a oposição entre 'macrologia' e 'braquilogia'. Além disto, ela é coerente com o objetivo do diálogo, explicitado em 500b. De um ponto de vista mais genérico, relativo ao conjunto da obra platônica, o conflito dialética-retórica é compatível com a oposição às idéias sofísticas, que está presente na maioria dos diálogos de Platão.